



STAMPFLI — «Monte Carlo». Desenho (foto A. Morain). Um realismo frio de evidentes intenções críticas a que agora se chama hiper-realismo

CARTA DE PARIS

SÉTIMA BIENAL DE PARIS

INTRODUÇÃO CRÍTICO-IRÓNICA

• Por EGÍDIO ÁLVARO

I

Maneira de abordar um tema

Histórica erudita: herdeiras da tradição dos salões do fim do século XIX, as grandes manifestações internacionais de arte tentam actualmente escapar à incoerência e ao gigantismo que os caracterizavam e tendem a redefinir ou a redescobrir o ou os métodos que lhes permitam adquirir um carácter vivo e operante, único viável na nossa sociedade de múltiplas solicitações e de fácil olvido. Ao optar pela imposição (crítica embora) de três temas, a Bienal de Paris...

Histórica displicente: as manifestações internacionais de arte nunca foram mais do que um pretexto — manipulado por um punhado de iniciados e de calculistas — para mascarar a verdadeira feira de vaidades, de insuficiências, de orgulhos, de jacobinismos e de incompreensões que rege o mercado artístico. Na sua base encontramos não o desejo de promoção mas a afirmação de um prestígio, interno ou externo: Bienal de Veneza, de S. Paulo, de Paris, bienais para eleitos e para valores oficiais de todas as cores...

Calorosa pseudocrítica: que algumas centenas de jovens de 48 países, ajudados pelos respectivos comissários nacionais, não tenham recuado perante nenhum sacrifício para dar a ver as suas criações, e que os organizadores da Bienal de Paris, Bienal de Jovens, abertos a todas as tendências e a todas as audácias...

Rastejante pseudocrítica: aqui temos, finalmente, uma Bienal que não recusa as suas responsabilidades. A equipa que este ano tomou conta dos destinos da Bienal de Paris é uma equipa consciente das exigências da arte, das suas contradições e do seu poder revolucionário. Nesta Bienal encontramos o que de mais audacioso e inconformista é feito no mundo pelos artistas de menos de 35 anos...

Pseudofilosófico-crítica: ?

arte sempre esteve na vanguarda das transformações sociais. Abrindo sem cessar novas fronteiras ao espírito humano, o artista simboliza o homem por excelência, e a arte simboliza a grande liberdade e a grande responsabilidade de viver. No século XX a arte acelerou todas as mutações, e o artista jovem é hoje o depositário da esperança de uma melhor compreensão do mundo e do homem. Assim, pois, na Bienal dos Jovens é o carácter de pesquisa séria, quase científica, que devemos sublinhar...

Ingénua: não sei ainda porque não está Portugal representado nesta audaciosa sétima Bienal de Paris. Falta de artistas de valor de menos de 35 anos? Falta de um crítico-comissário jovem? Desacordo com opções definidas aprioristicamente? Ou estamos a reservar-nos para uma promoção internacional mais digna do valor dos nossos artistas plásticos? Talvez seja, apenas, uma questão de incompatibilidade ideológica, já que a equipa agora responsável vem das Lettres Françaises e da Opus International...

Ofendida: francamente... querer impor três opções (hiper-realismo, arte conceptual e intervenções) como sendo as tendências mais importantes da arte jovem de hoje é recair na velha rãbula do realismo socialista condimentada com um intelectualismo de capela digno dos períodos negros da arte portuguesa. A sétima Bienal de Paris está à altura de um Salão Anual de Artes Plásticas lusitanamente imparcial (ou parcial?)

Crítica fria: a sétima Bienal de Paris centra-se sobre o hiper-realismo, a arte conceptual e as intervenções. O que corresponde, num plano puramente artístico, a uma codificação das revoltas, a uma etiquetagem por vezes abusiva e, com o tempo, a um desejo de valorizar certas pesquisas em detrimento das outras. Ou seja, de escrever a história do tempo presente, exercendo uma pressão apreciável sobre o desenrolar dos acontecimentos...

Crítica, tentando compreender: para ver o que se passa nesta Bienal seria necessário analisar o meio e as contingências que se encontram na base de algumas tendências actuais e, mais precisamente, da

(Continua na página seguinte)